



Apresentação dossier Corpos, territorialidades e hospitalidades: Agências e resistências na produção de vida e morte

Presentación dossier Cuerpos, territorialidades y hospitalidades: Agencias y resistencias en la producción de vida y muerte

Presentation of dossier Bodies, Territorialities, and Hospitalities: Agencies and Resistance in the Production of Life and Death

Josemar de Campos Maciel
Anita Guazzelli Bernardes
Neuza Maria de Fátima Guareschi
Camilla Fernandes Marques
Giovana Barbieri Galeano

Recibido: 21/12/2023 Aprobado: 22/12/2023 Publicado: 30/12/2023

O presente conjunto de artigos reúne pesquisadoras e pesquisadores que buscam uma conversação para problematizar e sistematizar articulações entre corpos, cidades e hospitalidades, contribuindo com a compreensão do mundo atual. Essa busca contextualiza-se a partir de perspectivas de escuta ubicadas no Sul Global, baseando-se em elementos contracoloniais e decoloniais. Os textos buscam a consolidação de um horizonte comum e de uma rede de alianças, para dimensionar e fortalecer diferentes lutas e insistências da vida, para afirmar e acompanhar caminhos que importam a grupos e sociedades resistentes aos processos históricos de colonização e subalternização e, ainda, pelas heranças de colonialidades.

Além disso, este dossier prossegue e consolida uma estratégia política de internacionalização do Sul com o Sul. Essa estratégia tem se apresentado num movimento de debates sobre formação e pesquisa situado na perspectiva da área das Humanidades, tomando em consideração as dimensões filosóficas, sociais e políticas, com as quais as disciplinas dialogam, traçando outros modos de composição de redes, visibilidades e construção de conhecimentos que se afirmem a partir das singularidades do Sul com o Sul.

Assim, a *Revista EstuDAv Estudios Avanzados* abre um espaço para que o encontro da rede se torne possível, de modo a também colocá-la em uma localização pública, para

poder compartilhar os processos de produção e reflexão, oportunizados pelo que origina essa cooperação. Este dossier é atravessado pela preocupação de conversar pelo e com o Sul Global, sobre distintas agências e resistências na produção de vida e morte, apontando para questões que têm se tornado obrigações éticas, as quais interpelam toda a comunidade de investigação, cada vez mais expandida, ocupada com o nosso presente. Isso implica considerar os desafios a que o presente nos expõe, a partir de um modo situado de relação com a terra e com a vida, em suas mais diferentes formas de expressão do vivente e do viver.

Os textos reunidos no dossier reafirmam a aposta nas contribuições de dinâmicas sociais, populares e do pensamento ancestral. As dinâmicas acontecem no cotidiano de populações em processo de negociação com situações de colonialidades, ou em construções de espaços de representatividade e acesso cidadão, sistemas de expressão e apoio, entendidos como tarefa cada vez mais comunitária, como na lapidar expressão de uma personagem da obra *Niketché*, de Paulina Chiziane: «Filha minha, a vida é uma eterna partilha. Partilhamos o ar e o sol, partilhamos a chuva e o vento. Partilhamos a enxada, a foice, a semente. Partilhamos a paz e o cachimbo» (2022: 63). Se haverá paz para partilhar cachimbos ou não, o fato é que estes são sempre ancestrais. Se, por um lado, os trabalhos apresentados não possuem necessariamente uma relação direta com a temática indígena

ou afrodescendente, por outro lado, talvez por isso mesmo, são todos e o tempo todo inspirados pela potência gerativa da ancestralidade e pelas suas esperançadoras hibridações: indígena, afrodescendente, feminista, crioula, orientadas pelo grande quadro da diferença e da resistência a todo tipo de exclusão e invisibilização. Trata-se de um dossier inspirado nas tradições orais das epistemologias e metodologias originárias, um espaço que se abre a vau para pensar, refletir, participar de debates em construção. Mas, também, em razão dessas inspirações, espaço para poder tomá-las como aquilo que devemos, hoje, cultivar, como no relato da celebração:

Suados e de pés no chão, bailavam todos em círculos e em magistral sincronia: um belo e originário espetáculo para os mais velhos e rezeros, os nosso pajés, que na frente de suas kikré, com o waricocó na boca, apreciavam os encantos da noite, akamat, acompanhados pela beleza da lua cheia mytyruwy-noti, e pelos aconchegantes pa-kan mekaron, os espíritos da floresta. (Ngrenhtabare e Kaiapó, 2019: 19)

Acolhem-nos também as palavras de um líder do pensamento atual, que se deixa atravessar pela marca da ancestralidade, Davi Kopenawa. Ele afirma, em um de seus textos, falando aos seus, que «os brancos não sonham tão longe quanto nós. Dormem muito, mas só sonham com eles mesmos. Seu pensamento permanece obstruído e eles dormem como antas ou jabutis. Por isso não conseguem entender nossas palavras» (Kopenawa, 2016: 390).

É necessário unir todos os esforços disponíveis para entender a força dessas palavras, que traduzem sociedades ricas em cultura, produção de saúde e ecoeficiência. Num longo processo de escuta para aprender e, efetivamente, entender ativamente as palavras, os conjuntos de significantes, não apenas de um ponto de vista lexical, mas de forma aprofundada em modos de ser, de viver e pensar. Ouvir as gerações mais antigas e mais tocadas por experiências de referência, metabolizar narrativas, entremeá-las com sonhos e novos contextos de ressignificação e intertextualidade — mesmo para além dela, de movimento e de invenção. Apenas assim será possível o que Kopenawa denomina de «falar aos brancos». Mais do que enunciar conhecimento, reivindicar presenças e possibilidades de perspectivas reunidas em respeito mútuo, trata-se de compartilhar palavras e gestualidades, de habitar. Uma vez que quase nunca haverá acordos totais ou totalizantes. Mas, ao menos, poderá ser construída a base para uma convivência, no conhecimento coletivo, que supere parte do epistemicídio e do silenciamento, os quais ainda se podem divisar no preconceito e nos movimentos de invisibilização de povos e populações que aparecem cada vez com maior força, nos dias atuais, e que encontram eco nos textos deste dossier.

O número foi organizado de modo a considerar a proposta do edital que fez a chamada para o dossier e do próprio projeto da COOPBRASS. Assim,

partirmos daquilo que nos desafia no nosso presente — as agências e os agenciamentos de morte — para, a partir disso, considerar os desafios em termos insistências da vida. São dimensões que nos têm convocado a pensar diferentemente, pelos campos sociais com os quais nos encontramos, e alguns ensaios e algumas propostas que temos achado como apostas epistemológicas, metodológicas, políticas, éticas e, também, estéticas. Os artigos apresentam pontos em que se tocam e que fazem com que haja possibilidades de tessituras, de deslizamentos e de alianças, de acordo com quem e como forem lidos.

O número se inicia com o texto do Elis Jayane dos Santos Silva e Simone Maria Hüning, «Um ensaio da memória: Reflexões sobre a produção de cuidado e conhecimento em encontros na rua-lar», propõem um caminho segundo o qual a memória torna-se um documento vivo de uma política de pesquisa e de cuidado. Trata-se de uma política que afirmará a relação inextricável entre experiência, afetos, corpos, pesquisa; portanto, uma agência de produção de vida. A escrita, como grafia de memórias, a partir das epistemologias negras, restitui inscrições apagadas por agenciamentos históricos coloniais, patriarcais, racistas. O texto ensaia uma proposta de formas de cuidado pela escrita, tornando-a, ao mesmo tempo, uma ferramenta epistemológica, ética, política, como também estética, de cuidados com a vida, aliançando improváveis, que provocam lutas

que se tornam obrigações éticas incontornáveis.

Das agências de morte produzidas pelas práticas de segurança, nós nos encontraremos com o texto de Adriana Garritano Dourado e Anita Guazzelli Bernardes, «Do/O outro lado da rodovia». As autoras seguem as epistemologias subalternizadas nos caminhos traçados, na cidade, pela juventude periférica. Esses caminhos indicam distintas formas de ocupação de espaços, que acabam por modificar a própria forma como a cidade e a juventude se constituem na relação com as condições de precarização da vida e suas possibilidades. As batalhas de rima produzidas pela juventude periférica, como agência de resistência às agências de morte da cidade, tornam-se um campo epistemológico que orienta a forma de pensar e compreender esses processos sociais.

Já Giovana Barbieri Galeano e Neuza Maria de Fátima Guareschi, com «Tecnologias e o problema da verdade no campo das práticas de segurança brasileiras», propõem um itinerário pelas agências das tecnologias de segurança, apontando para a presença de um dispositivo de regulação de corpos que autorizam o ato de matar. A tecnologia visual entrará

em um regime de verdade que torna matáveis certos corpos, justamente enquanto opera a sua visibilidade. As epistemologias subalternizadas permitem a compreensão de que se trata de um projeto político do Sul Global, um investimento em certos enquadramentos visuais matáveis.

Finalizamos o dossier com uma proposta a partir do Chile, feita no artigo de Patricio Azócar Donoso e Javiera Roa Infante, «Un lugar de reunión e imaginación colectiva en torno a la intervención social implicada». No manuscrito/provocação, os autores discutem a necessidade de se elaborar uma heurística das práticas sociais de intervenção, ressaltando as potencialidades estéticas, éticas e políticas de processos de reflexividade teórico-metodológica. Diante da disputa entre intervenções normalizadoras e as de outra estirpe, ligadas ao cuidado e à intervenção social, o texto traça as encruzilhadas, os dilemas e os horizontes que se desdobram entre a política e a epistemologia, para criar plataformas de intercâmbio e experimentação de saberes a partir da prática *In(ter) venciones*, proposta e realizada no âmbito do projeto COOPBRASS.

Bibliografia

- Kopenawa, D. e Albert, B. (2015). *A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami*. Companhia das Letras.
- Chiziane, P. (2021). *Niketche*. Companhia de Bolso.
- Ngrenhtabare, A.L.K. e Kaiapó, E. (2019). *Amor originário*. Em M. Negro (Org.), *Nós: Uma antologia de literatura indígena* (pp. 15-25). Companhia das Letrinhas.